

PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE



SEDE : BISSAU

CONAKRY, 17 de Janeiro de 1973

Nº 79

Camarada Pires,

Desejo que estejas de facto melhor e que brevemente possas ficar completamente restabelecido. O "meuro" de Spínola parece que está a trabalhar bem, pois temos, nesta fase decisiva da luta, um grande número de camaradas com doenças. Mas nada poderá parar a nossa marcha.

Esteu de acordo com a criação de mais um grupo Grad (duas peças), para acção na frente Balana-Kitáfine. Vão as duas peças novas, mas não mando por hora mais obuzes, porque nestes últimos meses já foram mais de 200. Espero que utilizem bem os que a frente Sul já recebeu. Penso que no Sul mesmo há ainda muitos obuzes a utilizar.

Acho que a artilharia falhou em não atacar Buba e Kebo, como previsto. Só dando no inimigo é que poderemos levar para a frente a nossa luta.

O João da Silva levará todas as munições que seja possível. Vão 600 obuzes de canhão 85mm que nos deram os irmãos guineenses. Há que poupá-los, quer dizer, utilizá-los com muita eficácia.

Quanto às AA, só devem ficar em funcionamento 3 peças de 37mm, de que tomarão conta os amigos, com mais 6 camaradas nossos. Todos os outros anti-aeristas devem seguir para o Sul, como ficou decidido, levando as armas ZGU de 14,5 mm para fazer emboscadas aos helicópteros, sendo integrados nos CE, à razão de 8 homens por peça. Este assunto ficou claro quando estive aí, e o Djibril sabe isso muito bem.

Os combatentes que foram fazer escolta de visitantes, sob a direcção do Nbana e do Keba, escolhi-os eu de propósito, separando-os dos outros, porque pressenti que criariam problemas. Mas mandei-os às duas missões e deviam depois voltar a Conakry, onde ficarão a fazer a guarda e sob vigilância. Acho portanto que deves fazê-los voltar no primeiro carro, mas com uma nota informativa sobre a conduta de cada um deles, incluindo os responsáveis. Se vir que não vale a pena tê-los aqui, vou tomar novas medidas em relação à sua utilização.

Quanto aos desertores do exército colonial, vivemos o dilema que vivem todos os exércitos de libertação. São um grande risco e podem sempre enganar-nos em certa medida. Mas também não podemos recusá-los. Temos é de os submeter a estudo mais demorado para evitar casos como o do Isaac, um bandido que devemos matar. Vou retirar do grupo motorizado o tal que pertenceu aos comandos.

A utilização dos motorizados é de facto muito delicada. Mas temos de ser capazes de os utilizar, em operações limitadas, rápidas e bem estudadas. Mas os engenhos só deverão seguir para a fronteira no momento da operação, nunca antes. Expliquei isso claramente ao Bobo, por isso não entendo a confusão

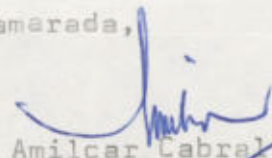
que estão a fazer. Ele e os homens foram aí para criar condições para esconder os engenhos (abrigos, camuflagem, depósito de carburantes, etc.) antes de estes irem para a fronteira.

A Carmen te dirá o que pensamos sobre a parte da população que chegou à fronteira. A nossa atitude depende duma apreciação objectiva da situação em Cubucaré e das perspectivas da sua evolução. De acordo com carta recebida do Arafan e informações verbais, as coisas não estão tão más como supunha, apesar de os tugas já ocuparem três posições. Temos é de dar-lhes duro, todos os dias - e lá onde ele é mais vulnerável, enquanto retemos os outros no terreno com pequenos grupos à volta das posições ocupadas.

Penso pois que devemos tratar bem essa gente que veio à fronteira, mas explicar-lhes que não podem ficar no exterior, pois vieram sem autorização do Partido. Que não temos meios para manter muita gente fora da terra. Que devem pois ir para Kitáfine, onde os ajudaremos a instalarem-se. Esta é a nossa opinião, baseada nas informações de que dispomos. Mas é preciso que aí mesmo tu e os outros responsáveis *vejam* se a solução é conveniente e digam a última palavra.

Naturalmente, se a situação fôsse muito má, em que a segurança das populações fosse muito ameaçada, seria preferível saírem em vez de se juntarem aos tugas. Nesse caso, o Partido teria que fazer tudo para ajudar os "refugiados". Creio no entanto que não chegámos ainda nem chegaremos a tal situação. Por isso há que fazer voltar para áreas mais ou menos seguras as famílias ou indivíduos que tenham saído sem autorização do Partido.

Saúde e bom trabalho. Abraço do velho camarada,


Amílcar Cabral